

## ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas  
Conceição Lopes

- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo  
Fernando Santos Pessoa

- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo  
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

### ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado  
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa

- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques  
Nouri Boukhchim

- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica  
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa

- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)  
Beya Abidi

### ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar  
Gonçalo Duarte Gomes

- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía  
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez

- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna  
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández

- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo  
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

### ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos  
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista

- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)  
Meriem Marzouki

- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie  
Ons Najjar, Raja Gzara

- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina  
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen  
Leila Harabi

### **ENTRE FRONTEIRAS** ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago  
Jorge de Oliveira
- 94** Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)  
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa  
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** Estremoz: assentamento e fronteira  
Ana Costa Rosado

### **ENTRE ÁGUAS** ENTRE LES EAUX

- 112** A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX  
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo  
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro* da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI  
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares  
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco  
Filipe Mário Lopes

### **ENTRE TEMPOS** ENTRE LES TEMPS

- 139** Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal  
Maria Fernandes
- 142** A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo  
Vítor Ribeiro
- 149** Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie  
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura  
Miguel Ferreira Mendes

# TAGNIT N'ABDIY. A ARQUITETURA E A PAISAGEM DA REGIÃO NOROESTE DO ANTI-ATLAS EM MARROCOS

Miguel Reimão Costa

CEAACP, Universidade do Algarve / CAM  
mrcosta@ualg.pt

Desidério Batista

CHAIA, Universidade de Évora / Universidade do Algarve  
dbatista@ualg.pt

**Palavras-chave:** montanha, território semiárido, casa-pátio, família alargada

## 1. Introdução

Os limites do Mediterrâneo são de desenho difícil, mais ou menos vago ou indefinido, com traços distintos que se aproximam e se afastam em função de diferentes disciplinas e critérios. E isto ocorre mesmo quando nos cingimos aos confins mais estritos da geografia, [...] *do limite Norte da oliveira até ao das grandes palmeiras do Sul*, muito aquém do *grande Mediterrâneo* alargado às *dimensões da história* que propõe Braudel ([1946] 1995, p. 191). A presente linha de investigação pretende contribuir para essa dimensão múltipla, incidindo privilegiadamente nos âmbitos da arquitetura e da paisagem das regiões de montanha<sup>1</sup>. A partir de uma primeira abordagem de prospeção e de reconhecimento da diversidade do património construído nas diversas unidades e subunidades regionais, o trabalho de campo centra-se em casos de estudo menos conhecidos: no presente artigo, a aldeia de Tagnit n'Abdiy, na região noroeste do Anti-Atlas (entre Taliouine e Iggherm), no sul de Marrocos, território da tribo *Indaouzal* (fração *Afala n'Ouassif*).

Alguns dos trajetos de atravessamento das grandes montanhas do sul traduzem especialmente bem esta condição de transição, onde o Mediterrâneo [...] *confina com o domínio da aridez* (Ribeiro, [1968] 2011, p. 111). É o que ocorre, por exemplo, no Alto Atlas Central e Oriental<sup>2</sup> ou – mais relevante para o presente caso – no Anti-Atlas a Ocidente, onde partindo da planície do Souss se sucedem as paisagens das argânicas das vertentes norte, os campos e terraços de sequeiro de cereal, amendoeiras e piteiras das terras altas de Iggherm

(1 900 metros de altitude), até às margens do *oued Akka*, onde as culturas se restringem gradualmente aos campos regados, primeiro em parcelas bem delimitadas de oliveiras e depois, finalmente, com a preponderância gradual da tamareira e dos oásis do sul.

O Anti-Atlas apresenta duas unidades de paisagem muito distintas na transição da região montanhosa do Alto Atlas a norte e do deserto do Saara a sul: a maior parte da sua extensão, desde as vertentes meridionais atlânticas até à região de Tafilalt no extremo oriental é caracterizada pela paisagem pré-saariana, de extensas superfícies áridas atravessadas sazonalmente pelos grandes rebanhos, pontuada de povoações fortificadas e oásis dependentes de complexos sistemas de rega (Terrasse, [1938] 2010, p. 83); as vertentes noroeste (integradas na bacia hidrográfica do rio Souss) são marcadas, em contraponto, pela influência atlântica, admitindo a cerealicultura e a arboricultura de sequeiro em associação com a criação transumante de gado miúdo, numa área pontuada por aldeias com presença frequente de celeiro coletivo fortificado<sup>3</sup> entretanto abandonado.

Esta segunda unidade de paisagem, sobre a qual incide o presente artigo, inscreve-se na região do Mediterrâneo, em especial quando consideramos critérios relacionados com a descrição da paisagem (Hubert, 2003, p. 62) e, como se verá, com a caracterização da arquitetura tradicional.

Tagnit n'Abdiy (fig. 1) ocupa uma posição central dentro desta unidade de paisagem, em área de transição das diversas subunidades que é possível delimitar de oeste para leste, seja distinguindo o Anti-Atlas Atlântico do Anti-Atlas Continental (Meunié, 1951, p. 17) ou o Anti-Atlas Ocidental do Anti-Atlas Central (Riser, 1988). Esta povoação está situada num cabeço a 1 350 metros de altitude, sobranceiro à linha de água do Assif-n-Ou Achbar (integrado na bacia hidrográfica do Assif Aït Smig, afluente do rio Souss), delimitada pelas vertentes do Adrar-n-Inchech (1 755 metros de altitude), 10 km a

1 O presente artigo inscreve-se no *Estudo integrado da arquitetura e da paisagem nas áreas de montanha do Mediterrâneo Ocidental* com trabalho de campo realizado em março de 2019 e em fevereiro de 2020, com apoio do CEAACP/UAlg. Os autores agradecem a ajuda inestimável de Ayoub Semlali, que colaborou em diversas fases do trabalho de campo realizado na aldeia de Tagnit n'Abdiy, bem como dos seus habitantes Ibrahim Ou Lahcen, Abderhman Ou Omar e Elhaj Salleh.

2 *Dès qu'on a passé les cols de l'Atlas, on se sent à l'entrée d'un pays nouveau. Là expire le monde méditerranéen et là commence le monde saharien. [...] En même temps que la végétation se raréfie, que changent la lumière et la couleur même du sol, d'autres architectures apparaissent. La pierre sèche cède la place au pisé et à la brique crue, tandis que se dessinent des formes d'une pureté et d'une régularité nouvelles* (Terrasse, [1938] 2010, p. 84).

3 Esta dissemelhança é evidente, por exemplo, na proposta da carta dos grandes sistemas regionais de conservação das águas e dos solos de Marrocos, em que, ao contrário do que ocorre com o sistema montanhoso do Alto Atlas (que conforma uma mesma unidade), se distingue o Anti-Atlas dos terraços de sequeiro da região do pré-Saara e Saara (Laouina, 2010).

norte, e do Adrar-n-Aklim (2 531 metros de altitude), 25 km a sul.

Este artigo é organizado em três partes distintas, procurando considerar um âmbito interdisciplinar no estudo da arquitetura tradicional e, simultaneamente, enquadrar as expressões específicas da aldeia objeto de estudo no contexto de diversidade do Anti-Atlas. Numa primeira parte será caracterizada a paisagem envolvente a Tagnit n'Abdiy, reconhecendo a importância dos recursos da economia tradicional, mas privilegiando a organização e as construções do território na relação com o sistema oridrográfico e com o assentamento. A segunda parte incidirá na organização da aldeia e na arquitetura doméstica, conferindo especial atenção aos temas da construção progressiva e da transformação no tempo. E, por fim, no capítulo conclusivo, retoma-se a dimensão integradora na caracterização deste conjunto às diferentes escalas, procurando, de forma concisa, enquadrá-lo e distingui-lo das diferentes unidades de paisagem do Anti-Atlas.

## 2. A paisagem

A pequena aldeia de pastores-agricultores sobranceira ao vale do Assif-n-Ou Achbar domina visualmente o território montanhoso semiárido cujas condições naturais, severas à sua humanização e exploração (pedregoso, seco, declivoso, cobertura vegetal rasteira e esparsa), determinaram uma economia familiar de autossustentência.

As atividades tradicionais associadas à pastorícia e à agricultura de sequeiro construíram uma paisagem austera identitária do Anti-Atlas (cf. Riser, 1988). O carácter construído da paisagem mediterrânea (cf. Ribeiro, [1968] 2011) assume em Tagnit n'Abdiy uma expressão muito particular em torno da presença da pedra quer na sua eliminação nas raras terras de cultura, quer na sua utilização na construção de todas as estruturas das quais depende a sobrevivência da população (habitação, currais, cisternas e muros nos limites das pequenas parcelas cultiváveis e nos socalcos nos talwegues).

O assentamento rural alcandorado e a paisagem agro-pastoril numa austeridade incomparável fundem-se

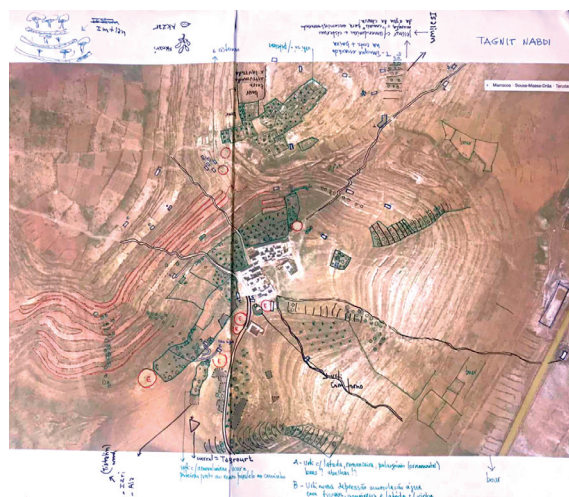


Fig. 2 Carta da paisagem: estruturas hidroagrícolas e sistema de percursos, trabalho de campo

mostrando o peso duma cultura territorial histórica. A gestão racional e coletiva dos recursos naturais presentes (água, solo, vegetação) baseia-se em conhecimentos, técnicas e processos de construção, pastorícia e cultivo tradicionais que, transmitidos de geração em geração, estão na origem do modelo de organização e (trans)formação da paisagem de Tagnit n'Abdiy. Para a sua identificação e caracterização contribuiu sobremaneira o trabalho de campo e a recolha de informação oral, considerados fundamentais para o mapeamento das estruturas hidro-agro-pecuárias e o registo das suas designações locais (fig. 2). A paisagem organiza-se em torno da povoação na qual convergem seis caminhos de terra batida integrados no sistema de vias no território e de ligação ao espaço circundante: conexão à principal via de comunicação e ao transporte público; à escola primária; às aldeias próximas; à cisterna pública localizada no vale; e, ainda, às terras de pastagem. A partir do centro correspondente ao núcleo residencial e religioso depreende-se um modelo concêntrico de três áreas fundamentais. A área mais próxima das habitações compreende pequenas cercas muradas (predominantemente para amendoeiras, mas também, embora residualmente, figueiras, ameixeiras e videiras em latada), entre as quais



Fig. 1 Tagnit n'Abdiy vista de poente



Fig. 3 Distintas expressões da paisagem: **a** cercas de *Opuntias* **b** tanque para abeberamento do gado **c** partida do rebanho e **d** socalcos nos talwegues pouco pronunciados

surgem dispersas algumas eiras (*anrar*), cisternas (*tanotfi*)<sup>4</sup> e pequenos currais (*tagrouit*) que marcam a entrada principal da aldeia, ladeada por manchas de vegetação subarbustiva seca (*izrri*) para ser utilizada na confeção de alimento e no aquecimento das casas durante a estação fria; ainda nesta primeira área adjacente à povoação existem cercas de maior dimensão, também delimitadas por muros de pedra solta, ocupadas com plantações de opúncias (*aknari*) (fig. 3a) para diferentes usos (o fruto para alimentação das pessoas e do gado; as folhas, depois de secas, para o aquecimento do forno), entre as quais se conta igualmente a presença de cisternas e eiras. A estas duas construções associam-se, respetivamente, a necessidade premente de armazenamento das escassas precipitações para o uso doméstico e o abeberamento dos animais, e a cultura do cereal em pequenos talhões quer nas terras baixas do vale, quer nas terras altas do cabeço largo configurando a área intermédia correspondente a um anel de cerealicultura pluvial (*bour*). É ainda aqui que, associado a um talvegue, surge, num ponto de acumulação por escorrência das águas da chuva, um grande tanque (*tafrawt n'ibhaym*) construído em desaterro para a retenção daquelas águas junto ao principal percurso pecuário (fig. 3b). A localização e dimensão desta estrutura, característica desta subunidade de paisagem do Anti-Atlas, denota a importância do gado na economia familiar. Com ele se relaciona a área mais afastada da aldeia, vinculada aos rebanhos de cabras e ovelhas cujas deslocações (quase) diárias marcam o ritmo e a vida da comunidade (fig. 3c).

4 A envolvente próxima de Tagnit n'Abdiy conta com 26 cisternas, encontrando-se a aldeia na zona de limite do que Meunié designa por *pais das cisternas*. *Pays de citernes et non de puits, ne permettant pas d'assurer une irrigation régulière, ni même toujours d'abreuver les troupeaux* (Meunié, 1951, p. 16).

Outro traço identitário desta paisagem prende-se com a construção em pedra solta de terraços construídos ao longo de determinadas linhas de drenagem à semelhança do que acontece noutros pontos do Anti-Atlas e noutras regiões do Magrebe, nomeadamente nas montanhas de Matmata no sul da Tunísia. Localmente designados por *isaliwn*, constituem um processo tradicional de acumulação e retenção de sedimentos e água das chuvas, criando-se deste modo condições para a prática da arboricultura, fundamentalmente, de amendoeiras (fig. 3d). Os muros de pedra que os delimitam lateralmente apresentam pequenos bueiros que, associados à topografia (curvas de nível), permitem a entrada das águas de escorrência nas vertentes, fazendo jus à dimensão racional e utilitária desta paisagem fortemente marcada pela austeridade e pelo seu carácter construído, tanto na organização do campo e do seu espaço agropecuário, como na forma do povoado e da arquitetura

### 3. A povoação alcandorada e a arquitetura [de Tagnit n'Abdiy]

O conjunto edificado de Tagnit n'Abdiy ocupa o cabeço mais elevado (1 320 metros de altitude) do relevo, organizado em dois conjuntos edificados principais e outras construções dispersas. Estes dois conjuntos edificados adquirem características muito idênticas entre si, resultando da combinação das habitações das diversas famílias alargadas da aldeia (fig. 4). A partir do exterior, enunciam a sua dimensão compositiva nos diferentes planos da arquitetura de terra (com embasamento de alvenaria de calcário) de reduzido número de vãos abertos (que se restringem às raras portas de entrada do piso térreo e algumas janelas de pequena dimensão no piso superior).

Apesar de comportarem, hoje, dimensões bastante diferenciadas, as habitações apresentam uma organização idêntica, a partir de uma estrutura encadeada de vários espaços descobertos de pátios e currais que apõem os vários compartimentos e dependências. O diagrama da *casa mediterrânica*, disposta em redor de um pátio ao centro da composição, é assim decomposto em diversos polos, de valor, escala e uso diferenciados. Na realidade, esta solução, muito comum aos palácios e casas abastadas das *medinas* a norte do Atlas e dos *ksour* a sul nas regiões pré-saarianas, constitui uma tipologia menos relevante nas aldeias de montanha, o que contribui para tornar esta região num interessante caso de estudo.

Em qualquer caso, a solução de base é formada por dois núcleos distintos: os compartimentos domésticos em redor de um pequeno pátio (*tassaragt*); e as dependências do gado, associados a um curral exterior (*tagrort*), como podemos ver nas habitações 2, 3 e 4b (fig. 4a). O processo de ampliação gradual da edificação ocorre tanto em altura como em superfície. No primeiro caso, cada um dos novos compartimentos edificadas sobre a cobertura plana dos compartimentos térreos contempla a execução de uma escada autónoma. A inusitada multiplicação de lanços de escada em cada um dos pátios (fig. 5) substitui, deste modo, a solução da galeria característica da casa pátio em contexto urbano. A ampliação da habitação em superfície contempla, por seu turno, a integração de novos pátios, com frequente especialização: espaço do fogo e da água na relação com a cozinha; entrada ou articulação dos diferentes núcleos; concentração dos espaços para hóspedes e visitantes; ou ainda separação de gados. Este processo repercute-se também na própria especialização das portas de entrada no conjunto, distinguindo-se frequentemente as entradas principais e de serviço, para os hóspedes e para o gado.

A transformação destes conjuntos edificados tende a privilegiar, com o avançar do século passado, o desenho mais regular e menos circunstancial de novos módulos justapostos aos conjuntos edificados preexistentes. Esta tendência é especialmente evidente no pátio dos hóspedes, de planta quadrangular, que aspira, por vezes, a constituir uma quase habitação autónoma



Fig. 4 Planta de conjunto de Tagnit n'Abdiy: a estrutura predial, 1-7 diferentes habitações 8 oratório (vestíbulo, pátio, cisterna, abluções, sala de oração, espaços domésticos) b piso térreo c compartimentos do piso superior d pátios, currais e espaços descobertos

(provida de cozinha e instalação sanitária, como ocorre na casa 1). Esta é uma influência clara da arquitetura das *medinas*, de onde pode provir por via direta ou indireta a partir de modelos de referência da região pré-saariana do Anti-Atlas, recebendo alternadamente a designação de *riad* (árabe) ou de *taddwarit* (amazigh). A mesma tendência foi registada, mais para ocidente, na região de Tafraout, caracterizada, como veremos, por uma arquitetura doméstica muito distinta da aldeia em estudo<sup>5</sup>.

Num estágio inicial, Tagnit n'Abdiy era constituída por algumas casas dissociadas que acabaram por formar os dois grandes blocos, a que antes fizemos referência,

5 *Le résultat est un compromis: la taddwarit. Puisqu'il n'est pas possible de moderniser les pièces de réception sans toucher au reste de la maison, on les transporte au dehors. [...] Le visiteur ne saurait flatter plus agréablement la vanité du propriétaire qu'en lui déclarant qu'il se croirait à Fès ou à Rabat. Le décor arabe de la vie citadine est encore une fois l'idéal du commerçant chleuh évolué.* (Adam, 1951, pp. 63-64).



Fig. 5 Pátios da casa 1 de Tagnit n'Abdiy





Fig. 6 Diversidade do povoamento e da arquitetura no Anti-Atlas: a celeiro coletivo de Issouka Iberkak a poente de Tagnit n'Abdiy **b** Ksar Tissergate no vale do Draa **c** aldeia de Oumesnat na região ocidental **d** aldeia de Tizgui, Jbel Siroua

através do preenchimento de espaços intersticiais e da expansão para norte e poente (no caso do bloco norte) e para sul e poente (no caso do bloco poente). A configuração global da aldeia é, assim, o resultado de um conjunto de intervenções que ocorre à escala local, relativa à transformação de cada uma das suas casas em ciclos sucessivos: num primeiro momento, comportando a ampliação da habitação associada à consolidação da família alargada (com um quarto para cada um dos filhos casados); e, num segundo momento, com a separação em diferentes casas resultando no eventual parcelamento da habitação original (como ocorreu com as habitações 4a e 4b, que antes integravam a fração 4). Em qualquer caso, este processo tende a perder relevância no presente, seja pela importância crescente do fenómeno da emigração, seja por uma valorização crescente da organização ditada pela família nuclear.

#### 4. Tagnit n'Abdiy no contexto da arquitetura do Anti-Atlas: uma conclusão

A importância de Tagnit n'Abdiy enquanto caso de estudo está relacionada, como vimos, quer com os diversos temas de construção integrada da paisagem e da arquitetura, quer com os princípios de coerência transversais às diversas habitações desenhadas, associados a uma génese relativamente recente da aldeia. É a partir destes pressupostos que importa enquadrar a revelação da casa de pátios múltiplos no contexto do património construído do Anti-Atlas. De facto, a organização do conjunto edificado da aldeia remete para uma estrutura de menor complexidade do que a que é possível antever noutros núcleos

mais antigos integrados nesta unidade de paisagem, onde é mais expressiva a justaposição diacrónica de diferentes modelos e estruturas. A este nível, importa, antes de mais, considerar a relevância que os celeiros coletivos fortificados adquiriam, até ao início do século passado, na organização coletiva de muitos dos aglomerados da região (Meunié, 1951; Naji, 2006). De facto, a transformação das circunstâncias históricas que ditaram o fim da *bilad al-siba* e a *pacificação* que se assistiu durante o Protetorado Francês constituiu o início de um processo relevante de transformação da organização dos povoados do sul de Marrocos, em geral, e do Anti-Atlas em particular. Na região de estudo, esta transformação acentuou a gradual perda de importância das estruturas coletivas fortificadas (não apenas dos celeiros, mas também dos apriscos), que traduziam a importância dos períodos de insegurança. Assim, Tagnit n'Abdiy não dispõe do característico celeiro coletivo torreado presente em muitas das povoações mais antigas da região (fig. 6a). Tagnit n'Abdiy inscreve-se, de qualquer modo, numa sub-região com características próprias à escala da arquitetura (edifício desenvolvido em extensão, em redor de vários espaços descobertos, com posição contígua de habitação e dependências, com um ou mais vãos de acesso), da paisagem (espaços de produção murados, de eiras e cisternas, bem como de *bour* e socalcos nos talwegues pouco pronunciados) e do povoamento (aldeias não muradas, mas associadas a uma rede de celeiros coletivos, quase sempre, situados em posição sobranceira e dependentes de uma exploração transumante dos recursos com repercussão ao nível da presença de povoados principais e secundários).

Em qualquer caso, só um estudo tipológico mais extenso e aprofundado permitiria reconhecer aqui as diferentes variantes da arquitetura doméstica e a sua expressão diacrónica. A relativa diversidade que caracteriza o Anti-Atlas, ao nível dos parâmetros geomorfológicos, climáticos, paisagísticos e urbanísticos, tem repercussão na arquitetura da habitação tradicional. Essa condição é, antes de mais, evidente a partir da contraposição das duas grandes unidades de paisagem referidas na parte introdutória do artigo: a região nordeste e a região pré-saariana. A transição das aldeias (*douars/timizar*) da primeira região para os povoados fortificados (*qsour/ighermen*) característicos da segunda é acompanhada pela emergência de uma habitação tradicional que é muito distinta da que acabamos de descrever. No interior dos *qsour*, a transformação gradual da habitação resultava num processo de crescimento em altura, em que os espaços domésticos propriamente ditos, localizados no piso superior e na própria cobertura, se sobrepunham às dependências para o gado, produtos agrícolas e alfaias adstritas ao piso térreo. Esta descrição genérica da casa da região pré-saariana cobre, no entanto, uma grande diversidade de variantes a nível da escala, do controle da luz zenital ou da solução do espaço central (desde o pátio mais largo com galeria até à sobreposição de dois espaços centrais distintos com comunicação restringida a uma lucerna apertada) que não cabe agora aprofundar<sup>6</sup>. Em qualquer caso, considerada articuladamente com o urbanismo dos *qsour* (fig. 6b) e com a paisagem dos oásis, a arquitetura desta unidade de paisagem evidencia um modo de habitar muito distinto daquela que descrevemos em Tagnit n'Abdiy.

Mas mesmo quando nos restringirmos à região nordeste do Anti-Atlas é possível identificar formas de transição para tipologias de habitação tradicional muito distintas que não podem ser dissociadas das circunstâncias naturais e socioculturais. A aproximação à região do Anti-Atlas Atlântico revela uma arquitetura mais rica e cuidada (Foucauld, 1888, p. 177) e presumivelmente mais diversificada em termos tipo-morfológicos. Entre os diversos tipos presentes nesta subunidade com centro em Taфраout (1 000 metros de altitude) evidencia-se a casa bloco (fig. 6c), frequentemente marcada por distintas formas de ornamentação e pela presença ou simulação da torre, de influência pré-saariana (Adam, 1951). De certo modo, é a casa de vários pisos, organizada em redor de um exíguo espaço central *porticado* e descoberto, que se liberta do parcelário apertado dos *qsour* do Sul para se assumir como construção isolada, beneficiando aqui da implantação em encosta para garantir um duplo acesso. Por vezes, esse espaço central poderá também ser coberto, numa solução variante justificada, por

6 Ao contrário do que ocorre na região nordeste do Anti-Atlas, onde a arquitetura da habitação tradicional é menos conhecida, a região pré-saariana foi objeto de um elevado número de estudos, em diferentes âmbitos, que não é possível enumerar num artigo com a presente dimensão. Do mesmo modo, não é possível considerar a transformação profunda do modelo de organização da habitação e a renúncia às soluções genéricas descritas, que ocorre a partir de meados do século passado. Ainda que as povoações fortificadas não estivessem ausentes da região nordeste do Anti-Atlas, a sua presença é apesar de tudo reduzida a alguns casos, como Tizourgane, que contribuíam para a diversidade da arquitetura doméstica da região.

alguns autores (Nijst *et al.*, 1973, p. 79), pela adaptação às diferentes condições impostas pelas subunidades geográficas mais altas.

Do mesmo modo, a Jbel Siroua (3 300 metros de altitude), no quadrante oposto, junta outros modelos muito distintos de organização da habitação à arquitetura do Anti-Atlas, evidentes nas regiões de transição para a alta montanha. A casa organizada em redor de um ou mais pátios dá lugar, nas aldeias situadas a cotas mais altas, a habitações desprovidas de pátio, como ocorre, por exemplo, no povoado de Tizgui (2 100 metros de altitude) (fig. 6d). A implantação a meia encosta resulta aqui numa organização mais sequencial dos diversos espaços (que mantêm a configuração alongada), com janelas abertas ao exterior (aos quadrantes melhor expostos), mantendo a importância da cobertura enquanto espaço doméstico (associado a uma utilização sazonal da arquitetura). Esta mudança das características da habitação traduz assim a dimensão particular daquele que é o ponto mais alto do Anti-Atlas. Na realidade, a morfologia da habitação junta-se aqui à paisagem do regadio em terraços e ao modelo de aglomerados estacionais (*douar/azib*) numa transição para as regiões do Alto Atlas Central, com as quais partilha traços identitários (Costa e Batista, 2020).

#### Bibliografia

- Adam, A. (1951). *La maison et le village dans quelques tribus de l'Anti-Atlas*. Paris: Institut des Hautes Études Marocaines.
- Braudel, F. [1946] (1995). *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. 1.º volume. Lisboa: Dom Quixote.
- Costa, M. R. & Batista, D. (2020). "A paisagem de produção e a arquitetura vernacular no Alto Atlas em Marrocos. O caso particular do território dos Ait Attik. *Arqueologia Medieval*, 15, pp. 289-302.
- Foucauld, C. (1888). *Reconnaissance au Maroc (1883-1884)*. Paris: Challamel.
- Hubert, A. (2003). "L'Anti-Atlas: une montagne paysanne moribonde?". *Crises et mutations des agricultures de montagne*. Clermont-Ferrand: Ceramac, pp. 61-72.
- Laouina, A. (2010). "Conservation des eaux et des sols au Maroc: prise en compte de la diversité géographique". *Norois*, 214, pp. 85-99.
- Meunié, J. (1951). *Greniers citadelles au Maroc*. Paris: Institut des Hautes Études Marocaines.
- Naji, S. (2006). *Greniers collectifs de l'Atlas. Patrimoine du Sud marocain*. Casablanca: Édisud.
- Nijst, A. L., Priemus, H., Swets, H. L. & Van Ijzeren, J. J. (1973). *Living on the edge of the Sahara*. The Hague: GPO.
- Ribeiro, O. [1968] (2011). *Mediterrâneo. Ambiente e tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Riser, J. (1988). "Anti-Atlas". *Encyclopédie Berbère*, 5, pp. 776-791.
- Terrasse, H. [1938] (2010). *Kasbas berbères de l'Atlas et des Oasis*. Arles: Actes Sud / Centre Jacques-Berque.